

... e todos os países: uni-vos!

AVANTE!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP

Por um novo Outubro

Passa hoje mais um ano em que o povo português comemora enlutado, a data memorável de 5 de Outubro.

O fascismo, que apunhalou a república, oculta esta data ou enova-a.

Mas o povo português não pode deixar de comemorar as jornadas gloriosas de 5 de Outubro em que o heróico povo de Lisboa e a brava Marinha de Guerra, principalmente esta, com o seu heroísmo, implantaram a República.

É certo que a revolução de 1910 — embora feita pelo povo — não foi uma Revolução Popular porque não satisfez as profundas aspirações do povo nem realizou as medidas fundamentais da revolução democrático-burguesa.

A república não aboliu todas as sobrevivências das relações feudais de propriedade: não atacou nas suas profundas raízes económicas, o jesuitismo e a reacção; não libertou Portugal da dependência económica, política e diplomática do estrangeiro em que a Monarquia o tinha colocado.

A república marcou, contudo, um progresso enorme em relação à decreta Monarquia que entravava o desenvolvimento de Portugal, minava a sua independência e mantinha o povo na maior miséria, opressão e ignorância.

A pesar das vicissitudes porque passou: guerra, repetidos ataques da reacção (14 de Maio de 1914, ditadura de Sidónio Pais, incursão monárquica do norte, etc.) apesar da traição dalguns dos seus governos, que realizaram uma política abertamente fascista, a República melhorou as condições de vida das classes trabalhadoras, e garantiu algumas das mais caras liberdades do povo laborioso, como a liberdade de imprensa, de palavra, e de associação.

Sob a república o povo podia defender os seus interesses, por meio dos sindicatos livremente constituídos, e recorria à greve quando as necessidades da luta o exigiam.

A república reconhecia aos cidadãos o sufrágio universal para as eleições do Parlamento e dos órgãos administrativos.

Tudo o progresso que a República promoveu, a Ditadura fascista o destruiu por completo, fazendo recuar o nosso país épocas que só tem paralelo no absolutismo.

Jamais, desde esses tempos, o povo foi tão ultrajado, a nação tão oprimida, jamais a independência do nosso país esteve tão à mercê de figuras repugnantes como Salazar que, com Miguel de Vasconcelos e outros, constituem a galeria vergonhosa dos traidores à Nação portuguesa.

O fascismo, com a monstruosa intervenção contra o povo espanhol, comprometeu completamente a situação internacional do nosso país, criada pela República, cobrindo Portugal de opróbrio diante de todo o mundo civilizado e de toda a humanidade progressiva.

Este crime repagante de atacar um povo irmão com o qual podemos constituir — sem diminuição de independência — uma comunidade perfeita de interesses económicos, culturais e de defesa, constitui um dos maiores atentados contra os interesses do nosso país e contra a posição de Portugal na história da Civilização.

Ao mesmo tempo, rompendo a aliança com as democracias, na qual residia um dos melhores penhores da nossa independência, o fascismo prepara o fim de Portugal como Nação independente. E onde conduz a submissão cada vez mais completa de Portugal à Alemanha que, em 1914, pensava — como agora — retalhar em seu proveito as colónias portuguesas, e onde conduz a submissão à Espanha imperial que, desde sempre, só pensou em nos absorver.

Foi a República espanhola de 1931 que rompeu decisivamente com a tradição anexi-nista de Castela em relação a Portugal. Pois foi com a República democrática de 1931 que o fascismo português rompeu para se aliar aos descendentes de Filipe, que não escondem os seus intentos de se assenborearem de novo do nosso país.

Bastava este crime monstruoso para que nenhum português, digno deste nome, não sentisse um ódio enorme pelo fascismo e não conservasse um sentimento de respeito pela República apunhalada em 1926.

Por isso, a restauração da República impõe-se como um dever para todos os portugueses. Não uma República vacilante, como a de 1910, incompleta e tantas vezes sujeita às manobras dos inimigos do povo e destruidores da própria República.

O povo português que se bateu em 5 de Outubro, em Monsanto, no 7 de Fevereiro, e continua lutando abnegadamente, dia a dia, contra o fascismo — quer uma República verdadeiramente democrática, vivida, verdadeiramente Popular que assegure o Pão, a Liberdade e a Paz e Independência de Portugal.

O PROBLEMA DO TRIGO

Começaram já a vigorar os novos tipos de pão constituídos por uma mistura de trigo e de milho.

Analisamos já, no «Avante!», as razões da falta de trigo atual que levaram o governo a decretar a mistura de milho no pão de trigo.

Em primeiro lugar, a diminuição da produção deste ano é devida à desastrosa política seguida pelo governo no campo.

Dopo as grandes colheitas de 1934, o fascismo — que havia prometido mundos e fundos aos camponeses — voltou-se directamente contra eles aplicando-lhes as mais brutais medidas, tais como a proibição do comércio livre, a limitação da área das culturas e todo o género de perseguições.

Salazar, teve a pouca vergonha de dizer aos camponeses que se dedicassem à cultura das árvores de fruto porque o trigo não podia ser nenhum maná.

Por outro lado, sem vez de construir silos para guardar o trigo que excedia a necessidade do consumo, na previsão dos maus anos, e em vez de estimular o consumo de pão, pelo seu barateamento, Salazar, em vez de tomar essas medidas, decretou a exportação de 200 milhões de quilos de trigo por metade do preço, obrigando os camponeses a pagar a diferença por meio dum imposto de \$12,5 por cada quilo de trigo vendido, imposto que durará seis anos.

Claro está que, depois destas brutais medidas, os camponeses — demais arruinados — abandonaram a cultura do trigo. Resultado — a colheita baixou de cerca de 700 milhões de quilos, em 1934, para 235 milhões, em 1936, e 305, em 1937.

Eis o resultado trágico da política salazarista.

Contudo, apesar do decréscimo da produção a colheita deste ano (395 milhões de quilos) juntamente com as reservas vindas dos outros anos (mais de 70 milhões de quilos) chega para o débil consumo do País que é computado em 335 milhões de quilos.

Porque, então, o trigo não chegou?

Porque o trigo foi para Espanha para alimentar os assassinos do povo espanhol.

Há ainda uma outra razão: Os grandes proprietários possuem quantidades enormes de milho, algum pode já, que não tinha saída. A inclusão do milho sobre o pão dos pobres — sim, que o pão dos ricos mantém-se inalterável — é, portanto, também, uma maneira de auxiliar os possuidores de grandes depósitos de milho a saírem-se de dificuldades.

Por ora, nos primeiros dias, o pão de 2.ª, por exemplo, é tolerável porque arranjam a mistura de maneira a evitarem bruscas transições. Daqui por algum tempo é que vão ser elas. Seremos todos obrigados a comer pão de lixo.

E tudo isto, graças à política «nacionalista» de Salazar e C.ª

Vejamos um outro problema:

O governo volta a fazer a propaganda do alargamento da cultura do trigo.

Mas que garantias dá que não volta a repetir as brutalidades exercidas contra os camponeses com a execução das medidas promulgadas no decreto n.º 25.947 de 13 de Outubro de 1935?

Absolutamente nenhuma!

Os camponeses continuam sob o jugo do imposto de \$12,5 por quilo de trigo.

Os camponeses continuam sujeitos à opressão e expolição da Federação.

O governo continua a proteger, em tudo, descaradamente os grandes proprietários. Agora mesmo, em vez de utilizar o lucro resultante da incorporação do milho no pão, para a cessação do imposto de \$12,5 — o governo criou um «bónus» para desconto de 40800 por cada tonelada de adubo empregado no trigo. Claro está que não são os camponeses pobres que beneficiarão deste «bónus» porque não têm terras onde empreguem toneladas de adubo!

Os camponeses continuam sob a ameaça de serem sujeitos a novos impostos no caso de haver novas colheitas abundantes.

Vejam-se o que diz este respeito a nota oficial publicada em 3 do corrente:

«E quanto ao preço. Segue-se a regra do art.º 30 do decreto n.º 25.732 de 12 de Agosto de 1935 (isto é, precisamente as mesmas medidas de que ainda estão soando os camponeses) a saber: o trigo destinado ao consumo interno, goza do benefício da Tabela; o outro será pago ao mesmo preço, DEDUZIDAS AS DESPESAS DA CONSERVAÇÃO E QUEBRA, SE VIER A SER CONSUMIDO NO PAÍS, OU PELO PREÇO DOS MERCADOS EXTERNOS, SE VIER EXCEPCIONALMENTE A SER EXPORTADO».

Não é «excepcionalmente», porque o governo, como diz a mesma nota oficial, «cha mais «vantajoso» a exportação do que o

O pavoroso incêndio de Famalicão

Os jornais noticiam que se produziu em Vila Nova de Famalicão uma terrível catástrofe que reduziu à mais desastrosa miséria algumas centenas de lares de trabalhadores.

Estes incêndios constantes dos grandes fábricas com certeza não são, apenas, o fruto do acaso. São obra criminosa de alguns dos seus próprios proprietários, para fins de reembolso do prémio de seguros — o que compete às autoridades averiguar, pelo menos em certos casos — são a consequência de falta de cuidados não menos criminosos.

No incêndio que há pouco se verificou em Lisboa, no Pátio do Gaúmbito, esta criminosa falta de cuidados foi bem notória.

Esta fábrica, como se viu, não possuía os mais elementares meios de protecção contra incêndios.

Os trabalhadores e os locatários das casas vizinhas não podem estar à mercê da imprevidência criminosa dos proprietários de fábricas e de depósitos onde há matérias inflamáveis.

É indispensável, portanto, que se tomem as mais energéticas medidas para evitar estas catástrofes. Mas, depois de ocorridas, é inadmissível que não se tomem as necessárias providências para socorrer os trabalhadores que são as principais vítimas.

Em consequência da catástrofe de Famalicão, muitas centenas de lares de «GENTE QUASI FAMINICA» (como diz o «Diário de Notícias») foram arremessados para o desemprego e para a miséria.

Os trabalhadores de Famalicão devem exigir providências imediatas que garantam o seu pão e o dos seus.

Devem exigir a sua rápida colocação em serviços do Estado ou em fábricas particulares e a concessão imediata de subsídios do desemprego.

Devem exigir, igualmente, que os falsos nacionalistas, que organizam subscrições nacionais para auxiliar os carissimos do povo espanhol, socorram imediatamente as vítimas do sinistro.

Trabalhadores de Famalicão: Exigi trabalho. Exigi subsídios do Comissariado do Desemprego.

Organizai colectas e exigi que ricos se inscreveram para socorrer as vossas famílias.

«NACIONALISMO»...

A companhia de seguros Fidelidade devia destinar este ano noventa contos para efeitos de publicidade.

Mas o sr. Capitão Celestino de Sousa, legionário, propôs que 20 contos fossem dados à Legião e que os restantes 70 contos fossem enviados para Franco, o carrasco do povo espanhol e inimigo de Portugal.

Entretanto, em Portugal, centenas de milhares de pessoas vivem na maior miséria cheios de fome sem que os falsos patriotas se lembrem da sua situação.

Na Penitenciária

É director desta cadeia um tal Almeida Ensebio, antigo ministro da Justiça da actual Ditadura. Voto para aqui quando da publicação da reforma Judiciária. Essa reforma manda que os reclusos, no quarto período da pena, tenham as portas das celas abertas 8 horas por dia. Pois este antigo ministro nega-se a cumprir a lei, alegando que os presos já lhe dão trabalho com as portas das celas fechadas, quanto mais se estiverem abertas.

Meteu aqui um seu compadre, chamado Neto, como fiscal e cuja missão seria a orientação moral dos presos. A moral dele foi arvorar-se em encarregado dum bazar que aqui havia, e que era propriedade exclusiva dos reclusos, donde roubou 5 contos, acabando com o bazar.

Este mesmo aliou-se com outro dada mesma espécie, o Chefe Geral, Gonçalves, que é afilado da célebre «Legião Negra».

Este chefe Gonçalves, quando algum recluso pedia por escrito para falar com o Director, apresentava-lhe o pedido, esbofetava-o e mandava-o para o segredo. Não queria que o Director soubesse dos roubos que ele praticava.

Um dia um preso conseguiu fazer chegar uma carta às mãos do Director, que denunciava um roubo importante da quadrilha Neto e Gonçalves e depois dum inquérito, que não poderam abafar, foram expulsos.

É canalha desta que realiza a justiça do Estado Novo, e é de gatunos e malvados como o Gonçalves que fazem os dirigentes da «Legião Negra».

Mais mil e oitocentos contos...

Foi aberto, no Ministério das Finanças, um crédito de MIL E OITOCENTOS CONTOS destinados à compra de prédios e terrenos que devem constituir uma «zona de protecção» em volta do antigo Palácio do Parlamento, para cujas imediações Salazar vai residir.

Na realidade trata-se de criar uma «zona de protecção» da casa do homem que, as ordens de Hitler e de Mussolini, e do grande capital português, dispõe dos destinos da nação.

Depois de ter aumentado os seus próprios vencimentos para NO-

A moral dos nossos exploradores

A Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro tem como director interino o engenheiro Mañeiro. Há alguns anos este senhor fez ali um roubo de 5 mil contos, pelo que foi simplesmente afastado. Nada sofreu, sendo-lhe dado como prémio um lugar equivalente na Companhia do Estoril.

Mais tarde voltou para a C.P. onde hoje desempenha o lugar de director interino.

Com o seu velho hábito — os hábitos velhos são difíceis de perder — continuou na sua faina. Descobriu-se agora um novo desfalque. Este é um pouco maior do que o primeiro, porque foi feito com a complicitade do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal.

A Legião Negra

Os jornais noticiaram, com grande espanto, a descoberta duma associação de gatunos na Polónia, que até tinha um jornal próprio. Mas os malfetores Polacos não tinham vida legal.

Em Portugal existe uma associação semelhante, fundada pelo governo, defendida por leis, com privilégios. É a Legião. Assassinos, gatunos, desordeiros, malfetores de toda a espécie lá têm guarida. O «Avante» tem-se referido a bastantes casos ilicidativos.

Há tempo mandaram uma circular a toda a gente que supunham ter dinheiro, pedindo um subsídio. Era o «pedido» do saltador de estrada: a bolsa ou a vida! Contudo houve quem tivesse a coragem de lho negar.

Pois vem agora um jornal algarvio, chamado «Folha do Domingo» alvitrar que a Legião publique dois livros: Um livro doiro, com os nomes de todos os que deram dinheiro e um livro negro, em que seriam inscritos os nomes de todas as pessoas que não se intimidaram, que não estiveram dispostas a subsidiar a quadrilha que se prepara para assassinar a população pacífica e laboriosa de Portugal. Depois dos espancamentos e assassinatos cometidos em várias terras do país, depois de terem queimado vivo um sargento reformado, em Braga, a «Folha do Domingo» quer a organização do livro, para que ninguém escape ao seu diabo feio!

Povo português, anti-fascistas! E' tempo de lutarmos contra a Legião Negra! Exijamos a sua dissolução! Organizemos a auto-defesa de massas contra as provocações da Legião.

VE CONTOS POR MÊS (ao mesmo tempo que reduzia os vencimentos dos funcionários inferiores). Salazar impõe à nação mais despesas enormes e inúteis para protecção exclusiva de uma pessoa.

E' para isto, para gastar rios de dinheiro em benefício pessoal de Salazar e dos seus acólitos, que o povo português é miseravelmente expoliado.

Povo português, desperta e arma-te, para acabares com o jugo destes vampiros que te sugam o sangue!

A QUESTÃO DO TRIGO

vem da página 1

armazenamento

Se houver, pois, abundâncias, o camponês verá o preço do trigo diminuído por impostos para armazenamento, para quebras e para o mais que o fascismo inventará.

MAS SE O TRIGO FOR EXPORTADO, COMO O FASCISMO QUERE, O CAMPONÊS TERÁ QUE VENDER O TRIGO A \$50 OU A \$60 O QUILO.

Eis as sombrias perspectivas que aguardam o camponês se ele se lança a uma «Nova Campanha do Trigo»!

Nós não somos contra o alargamento da cultura, pelo contrário.

Mas para que uma autêntica «Campanha do Trigo» possa ser levada a efeito é preciso que se assegure:

1.º — A remuneração justa dos pequenos produtores que constituem quasi 90% dos cultivadores.

2.º — O embarquecimento do preço do pão, para estimular o seu consumo, reduzido actualmente a metade do que devia ser.

Pela campanha do trigo sim, mas:

Contra o desconto dos 32,5 e todos os descontos que oneram a produção do trigo;

Contra qualquer novo desconto ou imposto;

Contra a sujeição dos camponeses à Federação.

Pela campanha do trigo sim, mas:

Pelo aumento do preço do trigo para \$80, como requerem os produtores, mas sem aumento do preço do Pão.

Pelo contrário, embarcando-se o pão à custa dos lucros fabulosos dos grandes tubarões; dos grandes proprietários, da Moagem e das grandes Companhias de Panificação.

A nota oficializa diz:

«O governo deseja elevar o nível de vida dos que se consagram ao trabalho, sobretudo aos mistérios mais árduos ou menos lucrativos».

Al deixamos algumas das condições necessárias para isso. Por elas devem lutar, sem descanso, todos os pequenos e médios cultivadores de trigo

Amigos do Partido

Ralo Vermelho (atrasado)	16\$00
Jose Pontagrat	5\$00
6 amigos de Dimitroff	12\$00
Velho-Novo	5\$00
Telephone	5\$00
Argent	13\$50
Assucar	7\$80
Litvinoff (2 semanas)	7\$50
P.B. X.	5\$00
Parafuso	7\$50
Libertário	10\$00
Joi	4\$00
Pinoia I.	2\$50
II	2\$50
G.V. Ocidental gente nova	5\$00
Amigo Rocha	5\$00
Leão Vermelho	5\$00
Cabrier	2\$50
C2-27	3\$00
H-27	5\$00
Dois camaradas	12\$50

TOTAL 141\$30

ANTI-FASCISTAS! AJUDAÍ O «AVANTE», ÚNICO SEMANÁRIO ILEGAL QUE SE PUBLICA NO NOSSO PAÍS.

Por um largo movimento de Solidariedade OS COMUNISTAS E A PROPRIEDADE PRIVADA

Na luta contra o fascismo não importa só que o militante comunista, que o operário que entra numa greve estejam certos de que já mais serão traídos na polícia. É necessário também que saibam que, se forem presos, alguém protegerá as suas famílias.

Para esse fim se criaram em Portugal o S.V.I. e a Caixa de Solidariedade da C.G.T. e outras organizações de solidariedade.

Porém, apesar dos grandes esforços empregados, o certo é que o auxílio às famílias dos presos e aos presos e perseguidos deixa muito a desejar, o que representa uma profunda injustiça e um grave golpe na luta contra o fascismo.

Porque acontece isto? Porque não haja dedicação nos camaradas que se ocupam da solidariedade? Não. Então, que culpa? O próprio carácter da organização dessa solidariedade absolutamente insuficiente e caudoso, ainda por cima, de mais vítimas do fascismo.

O movimento de solidariedade, apesar de alguns progressos nesse sentido, está muito longe de atingir a sua verdadeira eficácia. Sabemos de alguns alargamentos da acção do S.V.I. Sabemos dos esforços que o S.V.I. tem empregado para a fusão com a Caixa de Solidariedade num organismo único.

Porém, isso não chega. Nada do que existe com fusão (que entusiasticamente saudaremos) ou sem ela, permitirá o auxílio necessário a todas ou quasi todas as vítimas do fascismo.

Nada disso evitará que continuem a ser presos camaradas que organizam aqui ou além grupos do S.V.I.

Que é preciso fazer? Saír imediatamente da profunda ilegalidade de acção em que tem vivido o movimento de solidariedade. É preciso acabar com os grupos ilegais; é necessário acabar com os actos de cotização e todas as formas ilegais de organização. É preciso que a polícia encontre não o grupo A ilegal mas um conjunto de camaradas do preso que auxiliem a sua mulher e seus filhos.

Há muitas e muitas maneiras, INTEIRAMENTE LEGAIS, de auxiliar os presos. Podem fazer-se subscrições, até autorizadas, pequenas festas a favor desta ou daquela família, rifas, tanta e tanta coisa em que se obtém meios de auxílio. Por exemplo, um camarada que não tenha filhos, se puder manter a seu cargo, o filho de um preso, presta mais real solidariedade de classe do que todos os selos que pague e de que todos as famílias em grupos do S.V.I. ou da Caixa de Solidariedade. Ou melhor, essa é que é a verdadeira filiação não formal mas de facto.

Mas há mais. Podemos e devemos aproveitar tudo o que a "caridade" burguesa criou e em

Entre as muitas calúnias lançadas pelo fascismo contra os comunistas, com o fim de nos desacreditar perante o povo laborioso, avulta a de que nós queremos desapossar os camponeses das suas terras.

O Partido Comunista proclama, firmemente, que esta afirmação do fascismo não tem nada de verdadeiro.

Não é no regime socialista mas sim no regime capitalista que os camponeses são desapossados das suas terras.

E' no regime capitalista que os camponeses—vítimas das crises e de todo o sistema de espoliação dos grandes proprietários, tal como os grêmios e as Federações fascistas—são obrigados a vender e a hipotecar as pequenas propriedades que durante toda a vida cultivaram com o suor do seu rosto.

A compra a preços vis das terras dos camponeses endividados e a aquisição das terras hipotecadas não representa outra coisa senão a expropriação legal do camponês pobre e médio pelo capital usurário.

O capitalismo arruína as grandes massas pobres e médias do campo, expropria-lhes as suas terras e lança-as cada vez mais para o campo do proletariado. Só o socialismo garante ao camponês pobre e médio o usufruto das suas terras e lhes abre o caminho da vida abastada por meio da colectivização.

Ao afirmarmos que a Revolução socialista, para a qual os comunistas lutam com todas as suas forças, não tocará na terra dos camponeses, nós não fazemos mais do que repetir—cheios de convicção—uma das verdades proclamadas pelos grandes mestres do comunismo.

Já Engels, que foi, com Marx, o fundador do socialismo científico, afirmou:

"Nós somos resolutamente, pelo pequeno camponês."

Nós faremos tudo o possível por lhe tornar a vida mais tolerável, para lhe facilitar a associação SE ELE O DESEJAR. No caso em que ele não se decida a isso, nós dar-lhe-emos tempo de reflectir sem lhe tocarmos no seu talhão de terra."—"A questão camponesa" (o sublinhado é nosso).

A Grande Revolução Socialista russa de 1917 confirmou inteiramente todas as palavras dos mestres do comunismo.

O decreto sobre a terra, redigido por Lênine logo que os bolcheviques (comunistas) chegaram ao poder, estatui duma forma bem explícita que «a terra dos camponeses e dos coissacos não será confiscada».

E, 19 anos mais tarde, a Constituição Soviética, redigida sob a direcção de Stáline, reza:

"Artigo 9.—Ao lado do sistema socialista, que é a forma dominante da economia na URSS, a lei admite as pequenas economias privadas dos camponeses individuais e dos artesãos (que sejam baseadas no trabalho pessoal e exolam a exploração do trabalho alheio)" (sublinhado por nós).

O facto de, 20 anos depois da Revolução, a lei permitir aos camponeses o usufruto individual das terras que eles cultivam, é a melhor prova de que a Revolução não toca na terra dos camponeses.

Mas a Revolução socialista não só não tocará na terra dos camponeses como até, em certos casos, distribuirá por eles a terra dos grandes senhores, principalmente a terra que os camponeses cultivavam sob as variadas formas de arrendamento: foros, parcerias, arrendamento ao quinto, ao terço, etc.

A Revolução socialista não acabará, pois, com o usufruto individual da terra pelos camponeses. A Revolução acabará, somente, e duma vez para sempre, com a exploração dos camponeses e dos operários agrícolas e com as grandes injustiças que são a base da sociedade capitalista.

Para isso, a Revolução proletária não poderá consentir que os grandes senhores da terra, proprietários de feudos enormes, como por exemplo os do Alentejo, continuem de posse das suas terras. A Revolução proletária confiscará as terras dos grandes proprietários que passarão a ser administradas pelo Estado ou repartidas pelos camponeses, deixando, contudo, aos que não enfileiraram activamente ao lado da contra-revolução, a terra suficiente para eles cultivarem por suas próprias mãos.

A Revolução acabará, também, com a compra e venda da terra, medida esta que impedirá a restauração da grande propriedade privada e a expropriação real do camponês.

Em resumo, a base da política dos comunistas na Revolução Socialista, acerca da questão agrária, é:

Nacionalização proletária dos grandes domínios senhoriais e sua entrega aos órgãos do poder proletário;

Respeito absoluto da terra dos camponeses pobres e médios;

Entrega duma parte das terras confiscadas aos camponeses, sobretudo das terras dos grandes proprietários, que cultivavam como arrendatários;

Proibição da compra e venda da terra;

Os órgãos do poder proletário esforçar-se-ão por estimular e auxiliar a organização dos camponeses para a exploração colectiva do solo mas sem exercerem violências de nenhum género e permitindo que os camponeses cultivem a terra como entendam.

(1) Artesão—pessoa que trabalha por conta própria e com instrumentos de produção seus: ex-sapateiro de escada, relojoeiro, etc.. (Nota da Redacção)

que possam ser beneficiadas as famílias dos presos.

É necessário despirmo-nos de todo o sectarismo, deixarmos de olhar embevecidos para a Sociedade, livre do fascismo, para pensarmos que só chegaremos a esse resultado se nós mantivermos na luta para o conseguirmos.

As juntas de Freguesia organizam, agora, o Socorro de Inverno. Editais proclamam por toda a parte que se dá alimentação, agasalho, habitação a quem dela necessitar. Empreguemos todos os esforços para que os filhos dos presos obtenham tudo o que se oferece.

Há Conferências de S. Vicente de Paula e outras irmandades religiosas que dizem praticar a mais DESINTERESSADA "caridade". Pois façamos que o demonstrem.

A mulher do Carmona acaba de ser agraciada com a mais alta condecoração do País. Diz o decreto que pela prática do bem aos necessitados. Não vamos discutir agora o caso da condecoração, nem se a sua "caridade" é produto de um coração bondoso, de intenção de propaganda, ou de falta de outra coisa que fazer. Não nos interessa. O que nos interessa é fazer tudo para que dessa "caridade" beneficiem os filhos dos presos.

As famílias dos nossos presos nós diremos também: Ide à mulher de Carmona. Tem obrigação de vos ajudar. Não pode deixar de vos ajudar sob pena de se quebrar toda a demagogia da "caridade" fascista.

o rompimento com os métodos sectários seguidos até aqui e utilizando ao máximo todas as possibilidades legais se pode criar um movimento de solidariedade real e potente.

Em França, o célebre coronel La Roque, chefe dum grupo fascista, congeou a criar sopas para desempregados, onde recrutava as forças de choque do seu Partido. Pare não morrerem de fome, muitos operários, menos conscientes, iam para a Sopa de La Roque e vendiam-se por ela ao seu inimigo de classe. A maioria dos desempregados mantinha-se firme, mas a fome, diariamente, criava deserções para as fileiras do chefe fascista.

Então o P.C. Francês deu a palavra de ordem: Todos os desempregados à Sopa de La Roque. Por algum tempo o fascismo sustentou dezenas de milhares de operários que ali foram com a consciência de que iam buscar armas para continuar o combate contra o próprio La Roque & C^a.

La Roque, fechou por fim a sopa, desmascarando-se completamente ante os desempregados e cessando, sob este aspecto, a sua demagogia.

Este é um magnífico exemplo de como se pode organizar a ajuda às famílias dos presos aproveitando as próprias organizações reaccionárias.

PRO' CAMARADAS DE SACAVEM

Transporte 1.843.000
Lista n.º 354 700.000
Idem n.º 208 134.850
De varias listas 1.003.805
Quinta e Veludo 1.º e 2.º 408.000
Irr 3.090.555

SEMANA INTERNACIONAL

Detenhamos o braço assassino do fascismo!

Augusto de Almeida Martins, membro do P.C. foi assassinado pela Polícia de Informações

A 18.ª Assembleia da Sociedade das Nações que devia pronunciar-se, entre outros casos, sobre as reclamações apresentadas pelo dr. Negrin, chefe do governo espanhol, e pelo dr. Wellington Koo, delegado da República chinesa, terminou os seus trabalhos.

No que se refere à Espanha, os resultados praticados da Assembleia foram torpedeados pelos Estados fascistas, por intermédio dos seus agentes, os delegados de Portugal e da Albânia.

Os delegados espanhóis — Negrin e Del Vayo — apoiados pelo delegado soviético — Litvinov — haviam reclamado da S.D.N., o reconhecimento da agressão que a Espanha tinha sido objecto por parte da Alemanha e da Itália e a aplicação de medidas tendentes a por fim a esta agressão: retirada dos combatentes não espanhóis do território da Espanha e participação da frota republicana na fiscalização do Mediterrâneo. Depois de laboriosos trabalhos, na 6.ª Comissão, as potências chegaram a um compromisso segundo o qual se reconhecia «a existência em território espanhol, de verdadeiros corpos de exército estrangeiros — logo a intervenção estrangeira nos negócios da Espanha» e se afirmava o desejo de que se garantisse «a retirada imediata e completa dos combatentes não espanhóis. A resolução considerava a eventualidade de se acabar a política de não intervenção, caso os governos não empuem os seus esforços para assegurar a não-intervenção.

Submetida à votação na Assembleia, votaram contra, 2 países (Portugal e Albânia), tendo-se abstenido, 14.

Orá, como as resoluções da S.D.N. só podem ser tomadas por unanimidade, foi a moção rejeitada. Assim, por 2 votos, dos países menos independentes e dos delegados dos governos menos responsáveis, foi a moção rejeitada. Tal é a simples brutalidade deste facto.

Juridicamente, a moção foi rejeitada; moralmente, porém, foi aprovada, por contar os votos das grandes democracias, e o facto destas reconhecerem assim, publicamente, a intervenção da Itália e da Alemanha é, apesar de tudo, um progresso e um resultado positivo de S.D.N.

No caso da China, chegou-se a resultados mais positivos.

A moção aprovada pela S.D.N. é constituída pelos 3 pontos fundamentais seguintes:

- 1.ª — Apoio moral à China;
- 2.ª — Recomendação que não adoptem medidas que impeçam a legítima defesa da China (isto é, que se não repita o crime da «não-intervenção»);
- 3.ª — Convida os membros da S.D.N. a tomarem as medidas convenientes para auxiliarem a China.

O acontecimento dominante da semana foi, sem dúvida, o grande discurso proferido, em Chicago, pelo Presidente dos Estados Unidos — Franklin Roosevelt — e a declaração que se lhe seguiu do Departamento do Estado para os negócios estrangeiros, condenando a agressão do Japão contra o povo chinês.

Este discurso é de uma importância

Mais um crime repugnante da hedionda Polícia de Informações! Augusto de Almeida Martins, foi assassinado covardemente no antro da Rua 16 de Outubro, por se recusar a prestar declarações aos inimigos fideais dos trabalhadores.

Augusto de Almeida Martins, era um jovem entusiasta e cheio de dedicação pelo movimento revolucionário. Desde 1932 que militava na Juventude Comunista, onde foi sempre um membro activo e disciplinado. Actualmente era secretário responsável duma importante organização do Partido Comunista português.

Na véspera de ser preso, conversando conosco acerca da campanha promovida pelo Partido Comunista contra os traidores que fazem declarações à polícia, o camarada Martins afirmou a mais profunda concordância com esta atitude do Partido. «Um comunista não presta a mínima declaração à polícia» — dizia-nos ele. Demonstrou-o corajoso e nobremente, na prática. Preso no dia 24, foi tão barbaramente espancado e torturado que nesse mesmo dia sucumbiu. Da sua boca não saiu uma única palavra.

Augusto de Almeida Martins é um dos heróis da luta de classes, de que o nosso Partido justamente se orgulha. A sua atitude intransigente e indefectível perante o inimigo, é a atitude modelar de um comunista e de todos os revolucionários. Com o seu nobre sacrifício, o nosso querido e saudoso camarada Augusto de Almeida Martins, mostrou a todo o povo português que os comunistas dão a sua vida para servir a sua classe e a Revolução a quem jamais traem.

Augusto de Almeida Martins morreu combatendo, prestando com o sacrifício da sua vida um serviço prestimoso à Revolução. A firme atitude do nosso querido camarada Martins, deve ser seguida, sem deslanceamento, por todos os comunistas; é preciso, porém, que nem mais uma vítima tombe às mãos dos assassinos.

Só um largo movimento das massas trabalhadoras o pode evitar. Para isso, divulgue-se por toda a parte e por todos os meios, este crime. Recorte-se este artigo e reproduza-se e faça-se com que ele circule por toda a parte.

Camaradas, escrevei protestos, fazei-os assinar colectivamente por todos os operários das fábricas e doutros locais de trabalho e enviai-os às autoridades, aos ministros e à imprensa livre do estrangeiro.

Organizemo-nos a Frente Única para impedir que mais crimes sejam perpetrados e para libertar os nossos presos.

O assassinato e enterro de Augusto de Almeida Martins

Augusto de Almeida Martins, de profissões cordoeiro, tinha 23 anos de idade e era casado e deixava dois filhinhos um de 12 meses e outro de 2 anos.

Foi preso na sexta-feira 24, quando saía de casa, e se dirigia para o trabalho.

Levado para a sede da P.I. foi ao barbaramente espancado tendo morrido nesse próprio dia em consequência das pancadas recebidas. No dia seguinte foi transportado para o Necrotério devido o seu corpo ser levado para a vala sem prévio conhecimento da família. O pessoal recebeu ordens terminantes para não contar fosse a quem fosse o ocorrido. A família soube, porém, acidentalmente que Augusto estava morto no Necrotério. O pai, família e alguns amigos dirigiram-se imediatamente para lá. Foi, porém, proibida a entrada a todos com excepção da mulher e da mãe.

Como o pai protestasse foi ameaçado por um tipo que se encontrava à porta, caso não se calasse.

Durante a noite de quinta para sexta a P.I. rondou as imediações da casa da vítima onde se encontrava a família reunida.

O funeral saíu do Necrotério acompanhado por numerosas pessoas conhecidas e não conhecidas de falecido que assim manifestavam o seu protesto contra o crime cometido na pessoa deste nobre e heróico filho da classe operária portuguesa.

O Partido Comunista acompanha a família, a quem apresenta os seus profundos sentimentos de pesar na dor que a enluta pela perda deste querido e inolvidável camarada.

Expulsamos os espiões!

O chefe das S.S. (secções de assalto) de Stuttgart, assistiu, como os jornais noticiam, aos exercícios da Legião Negra e da Mocidade.

Pelos mesmos jornais sabemos que em Portugal há um Partido nazi, chefiado por J. Hell e por Wehr, dirigentes da organização de Lisboa.

O traidor Salazar que não consente os Partidos estrangeiros, consente, no território de Portugal, Partidos estrangeiros que exercem aqui livremente a espionagem e influem poderosamente na vida pública.

Como se isto não bastasse, Von Blomberg em pessoa, ministro da guerra alemão, vai aos Açores estudar este esplêndido ponto estratégico.

Portugal já é da Alemanha? Por quanto foi vendido?

É preciso que quebreiros as algemas da Nação, vendida por

maís, italianos e detoda a espécie! Fora com os traidores e os espiões

cia enorme para a causa da Paz porque mostra a vontade do grande homem politico americano de fazer sair a America da politica egoista de isolamento em que se encerrou.

O Presidente Roosevelt, reconheceu no seu discurso, o principio proclamado pela primeira vez por Litvinov, segundo o qual a Paz é indivisivel.

Roosevelt tomou abertamente posição contra os países que «sem declaração de guerra e sem justificação de espécie alguma, assassinam a bomba os civis, as mulheres e as crianças», contra os piratas do Mediterraneo. O Presidente americano disse de-ssassombrosamente que 10% da população do mundo, isto é, a Alemanha, a Italia e o Japão, ameaçam a Paz dos outros 90% e que é preciso pô-los de «quarentena» para que não possam contagiar o mundo.

Roosevelt pronunciou-se entim pela politica de segurança colectiva para preservar a Paz.

Este grande discurso vale sobretudo pelas repercussões que inevitavelmente terá na Inglaterra e na França. Ele estimulará, sem dúvida, os politicos hesitantes da Grã-Bretanha a tomarem uma atitude mais decidida vis-a-vis do agressor.

Os piratas fascistas, os assassinos das mulheres e das crianças os seus ridiculos servidores, certamente hão-de pesar a gravidade e a importância das palavras de Roosevelt. Oxalá elas imprimam uma nova orientação à politica franco-britânica o que parece verificar-se já, pois os circulos britânicos não escondem já a sua impaciencia e irritação perante as demoras de Mussolini em responder à nota da França e da Inglaterra convidando a Italia a participar numa conferencia das 3 potências («Conferência Tripartida») que deveria resolver sobre as medidas a adoptar para a retirada dos «voluntários» da Espanha. Que medidas tomarão a Inglaterra e a França se Mussolini preferir responder com o envio de novas divisões que aguardam em Nápoles, o seu transporte para Espanha?

O discurso de Roosevelt permite encerrar o futuro com um pouco mais de optimismo, em todo o caso é ao povo laborioso que compete agir para fazer cessar a intervenção do fascismo em Espanha e à agressão contra o povo chinês.

Por um novo Outubro

continuado da página 1
como devemos reduzir a escombros este regime, mil vezes mais bárbaro que o que foi demolido em 1910.

Em 5 de Outubro o povo lutou unido, sem destinação de tendências nem de posições sociais. Machado Santos, combatu o ombro com esse povo glorioso a que chamam 6 p de desalojo, o povo a quem se deve algumas das paginas mais belas de Portugal.

E' o exemplo que é preciso seguir, se queremos triunfar.

Abaixo o fascismo assassino! Abaixo a intervenção do fascismo contra o povo espanhol.

Viva a republica livre da Espanha!

Gloria aos heróis de 1910. Viva a Republica Democrática Popular Portuguesa!